

VIAGEM À SALVAÇÃO DO QUE VINCULA: UMA LEITURA DE *AS ESTAÇÕES DA VIDA*, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

José VIEIRA *

■ **RESUMO:** Agustina Bessa-Luís é a escritora mais prolífera de toda a literatura portuguesa. O centenário da autora de *A Sibila* é a celebração da obra e do pensamento de uma contemporânea. A seguinte proposta de comunicação tem como objetivo analisar *As Estações da Vida*, publicada em 2002, e refletir sobre a importância do bulício das estações de comboio da linha do Douro como forma de memória e de imaginário de um tempo e de uma região. Os azulejos da estação do Pinhão ou da gare de São Bento são o pretexto para o desfiar de um novelo literário e humano, que nasce a partir do perscrutar daqueles pequenos quadrados azuis e brancos, que contam histórias das vindimas e da azáfama do quotidiano do Norte e do Douro: “os azulejos contam toda uma poesia que não é épica, é o viver de todos os dias, é um sermão sem sotaina, é um contrato sem filosofia” (24). Encontramos em *As Estações da Vida* um mundo inteiro, vivo e garrido, a partir da escrita prodigiosa de Agustina, que revela o local e o universal de uma forma única, sinestésica e impressionista. *As Estações da Vida* guardam e contêm, portanto, a salvação do que vincula.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Agustina Bessa-Luís. Memória. Imaginário. Literatura. Personagem.

Quem tem mais palavras vê mais.
Lamberto Maffei, *Elogio da Palavra*

Publicado em 2018, *Elogio della Parola* viria a ser traduzido e lançado em Portugal no ano seguinte com o título *Elogio da Palavra*. A escolha de uma frase de Lamberto Maffei como epígrafe desembulha de imediato o meu propósito: refletir sobre a importância da palavra, e da literatura, em particular, como salvação do que vincula. Se quem tem mais palavras vê mais e pode ver melhor, então a literatura é um privilegiado motor de desenvolvimento emocional e sociocrítico. A literatura, a boa literatura, a única literatura, permite ver e ensina a ver.

* CLEPUL, Universidade de Lisboa, Cátedra Manuel Alegre da Universidade de Pádua – jose.vieira@unipd.it

Para desenvolver essa ideia, abordo uma obra que se demora na estética do olhar, que ensina a ver devagar. Falo de *As Estações da Vida*, de Agustina Bessa-Luís.

Agustina é a “menina do milagre”, ou dos milagres, porque nascida num tempo em que as mulheres ocupavam um espaço menos do que secundário e desde cedo começou a escrever, fosse no Colégio das Doroteias, fosse no Douro, em Jigueiros. Para além do tempo em que nasceu, as bibliotecas da família e o estilo de vida de seu pai, responsável pelo jogo do Casino da Póvoa e proprietário de um cinema no Porto, foram essenciais para que a escritora começasse logo na tenra idade a observar o mundo dos adultos nos seus vícios e virtudes. Desde criança, observou e absorveu o barro de que todos somos moldados, o que fez dela uma perscrutadora, com o seu olhar atento – à Camilo e à Eça também –, das relações humanas que, estando aparentemente adstritas ao génio português, realçam sem dúvida a condição universal da existência.

Publicado em 2002, *As Estações da Vida* é um texto que recupera uma ideia desenvolvida 10 anos antes por Pascal Quignard em *A Fronteira* – relatar a história de um lugar, dos seus costumes e tradições a partir dos azulejos, presença constante na arquitetura portuguesa. Se no escritor francês a narrativa nasce e cresce a partir dos azulejos dos jardins do Palácio Fronteira, em Agustina, por sua vez, os azulejos presentes nas estações de caminhos de ferro são a pedra de toque para uma viagem tão imersiva quanto impressionista.

Os azulejos da estação do Pinhão ou da gare de São Bento acabam por ser o pretexto para o desfiar de um novelo literário e humano que nasce a partir do perscrutar daqueles pequenos quadrados azuis e brancos que contam histórias das vindimas e da azáfama do quotidiano do Norte e do Douro: “os azulejos contam toda uma poesia que não é épica, é o viver de todos os dias, é um sermão sem sotaina, é um contrato sem filosofia” (p. 24).

Partindo desta obra, pretendo responder às seguintes questões: Como pode ela ser um exemplo da literatura que capacita e vincula o leitor com o mundo? Qual é o papel da literatura num tempo desmemoriado e digital? De que forma as humanidades, e a literatura em particular, podem contribuir para a reflexão numa época em que o lucro e o material são primazes?

Em primeiro lugar, a escolha da autora prende-se com o facto de ela habitar um espaço e um imaginário antiquíssimos e com raízes na cultura portuguesa: o Norte de Portugal e uma ligação profunda àquilo que é o espírito do lugar. Desengane-se, porém, quem achar que a escrita de Agustina é regionalista ou provinciana, pois encontramos nas suas obras as reflexões mais universais sobre a condição humana nos seus gestos e atitudes; em segundo lugar, a seleção desta obra prende-se com o facto de estar relacionada com outras artes, neste caso com os azulejos. Ora, fica desde logo explícita a capacidade plástica e de metamorfose da literatura que permite relacionar diversas áreas do conhecimento humano.

Se os clássicos, como escreveu Calvino, “servem para compreender quem somos e onde chegámos” (Calvino, 2015, p. 16), *As Estações da Vida* capacitam o leitor de um conhecimento outro da realidade portuguesa, em primeiro plano, para num plano mais interior e universal, o munirem de autonomia crítica e de pensamento a partir da memória e da cultura como mecanismo de resgate de uma identidade que a literatura pode salvaguardar e promover e sobre ela refletir.

Antes de entrarmos nos vagões da escrita e do comboio, abandonemos o olhar em Jigueiros:

Eu vivia, pelo menos durante algum tempo, no delicioso Vale de Jigueiros, que foi descrito como um dos mais belos do mundo. Hoje está degradado por um urbanismo que o descaracterizou mas, de longe, do alto de Fontelas, por exemplo, tem ainda um carácter grandioso, com a bacia da Régua e o monte de São Domingos em frente. (...) Dizia eu que o Vale de Jigueiros era um prodígio de beleza, com as suas quintas de rechão e os telhados pintados de cal para defenderem do calor. Ao fundo, já perto da fita cristalina do rio, corria o comboio. Eu conhecia-os a todos e, com eles, a tabela a que obedeciam, os comboio-correio, os trâmueis, os de mercadorias, o da noite com luzinhas remotas e docemente fugidias, como se fossem ovelhas que pastassem num céu de trevas. A viagem para o Porto fazia-se de maneira grave e saudosa. Só faltava, como nos contos russos, sentarem-se todos à roda da sala e trocarem suspiros e recomendações; e muitas bênçãos, porque os velhos podiam morrer entretanto e os novos perderem-se nas encruzilhadas da vida (pp. 18-19).

A pitonisa do Norte começa por introduzir o leitor na capital do Douro, a Régua, no Vale de Jigueiros, fazendo duas comparações interessantes: a primeira é a descrição do lugar como um sítio genesíaco, bíblico e contemporâneo da criação do mundo, isto é, sem par; a outra comparação prende-se com o imaginário e as ambiências literárias. Ao referir os contos russos e a literatura russa, Agustina recupera um imaginário pessoal que envolve de ambiências próprias, já que para a romancista, a propósito da pátria de Turgueniev e Tolstoi: “A ideia que eu tenho da Rússia é uma paisagem de neve onde passa um comboio. A neve cai e o fumo do comboio estende-se sobre o tejadilho e tudo tem um ar de tristeza pura e que conduz a alma para regiões que só a ela pertencem” (p. 18).

Assim, ao mesmo tempo que faz do imaginário da linha do comboio coetâneo daquele outro da Rússia, não deixa de instaurar a linha do Douro e toda a região como uma parte importante da identidade e da cultura portuguesas, tão importante quanto o imaginário romântico em torno de Sintra.

Encontramos em *As Estações da Vida* um mundo inteiro, vivo e garrido, a partir da escrita prodigiosa de Agustina:

Acenava-se das janelas com toalhas e quem ia no comboio surpreendia aquelas asas brancas a dizer adeus. Dizer adeus era um ritual de festa com lágrimas. Tinha-se o sentimento da separação, de perda dolorosa. Depois tudo voltava ao normal, as criadinhas corriam para a horta a cortar as couves e os espigos, calcando os tomates podres no chão. Ouvia-se a água cair dos canos nos tanques; havia sempre roupa ensaboada e fetos novos a sair dos muros. (...) O comboio esteve sempre na minha gente do Douro como um destino, um modo de vida e um pretexto de aventura (p. 19).

Como uma caixa de música que se abre, *As Estações da Vida* relatam um mundo aparentemente extinto, em que o comboio, os azulejos e as estações não são mais do que um pretexto para a descrição de toda a azáfama e de toda a humanidade apressada entre os silvos fumegantes da locomotiva. Surge daí um novelo literário que descreve os quadrados azuis e brancos que contam histórias das vindimas e da azáfama do quotidiano do Norte e do Douro que entram em confronto com a memória da escritora:

Começo pelos bonitos painéis do Pinhão, onde se concentram os quadros tão conhecidos das vindimas do Douro. Os cestos altos que os homens carregavam sobre a mochila pelos socalcos das vinhas aqui têm um ar de abundância, cheios do português azul que era a uva de maior produção. E a mulher, com o lenço de pontas dobradas na cabeça, tem o efeito decorativo, não é nenhuma das que eu conheci, a Adelaide Celeste, com uma figura de Prosérpina indignada, ou a senhora Ritinha, mãe de dezoito filhos e ligeira como uma fada, mal pousa no chão os chinelos de pano que ela própria coseu e talhou (p. 20).

Para além dos passageiros, os lugares adquirem uma mística única, elevados também eles a personagens, tal como o comboio e a própria viagem:

A viagem de comboio tinha um cunho espiritual. Sempre se encontravam pessoas raras, porque a província preserva o indivíduo e conserva o seu dialecto e os seus costumes. Eram recoveiras, caixeiros-viajantes, gente de negócio e do contrabando, estudantes em fêrias ou que as tinham terminado, padres e professores; e um sem-número de passageiros precavidos com um farnel de pombos estufados em vinho do Porto e cavacas de Resende. (...) O comboio sempre me pareceu ter qualquer coisa de profético. Abria-se a portinhola duma carruagem e imediatamente se abria na imaginação um processo romanesco. Tratávamos de divisar os passageiros e explorar a réstia de conforto que podíamos partilhar. Era o prelúdio duma viagem que podia ser o primeiro capítulo duma história (pp. 17-18).

Tanto Agustina pertence àquela comunidade de escritores que encontram o motivo “essencial da sua escrita nos laços tecidos com um território, no sentido físico desta palavra”, como também com a ligação à língua e à cultura portuguesas, o que revela “uma tensão entre o local e o universal” (Dumas, 2002, p. 146).

Não é por acaso que em *O Livro de Agustina*, a pitonisa escreve que

o Douro é província mais capaz de paixões governadas e desgovernadas que há em Portugal. É duro de se viver, o Douro. Duro de fazer a vinha, de saldar contas com o destino, a terra e os homens” (Bessa-Luís, 2014, p. 20),

Recupero as perguntas lançadas no início: Como podem *As Estações da Vida* ser um exemplo da literatura que capacita e vincula o leitor com o mundo? Qual é o papel da literatura num tempo desmemoriado e digital? De que forma as humanidades, e a literatura em particular, podem contribuir para a reflexão numa época em que o lucro e o material são primazes?

Estamos perante uma narrativa capaz de dotar o leitor, o estudante, o professor e o crítico não só de consciência estética ou cultural, mas também de autonomia intelectual para fazer perguntas, num caminho que pretende levar à reflexão em torno daquela angústia já escrita por Steiner: a de aprendermos de novo a sermos humanos.

Se é certo que a literatura pode agir como motor de desenvolvimento emocional e sociocrítico, importa saber também que a arte da palavra não deve estar adstrita a nenhum ideário político-ideológico, pois desta forma limita-se e condiciona-se ao espaço fechado, à leitura abúlica e pode incorrer na melancolia do academismo. À literatura empenhada de outras épocas, o tempo presente exige uma lógica vestida do avesso: a de uma literatura cujo único ideário seja não ter ideário, mas antes um caminho para a reflexão e desconstrução de tudo aquilo que é proposto como politicamente correto, variante contemporânea da noite da queima dos livros em Berlim, a 10 de maio de 1933, neste particular exemplo da alteração de adjetivos e classificações em livros infantis um pouco por todo o mundo, como aconteceu com *Charlie e a Fábrica de chocolate*, de Roald Dahl, ou com os livros de Enid Blyon.

Como escreveu George Steiner, ler “implica grandes riscos. É tornarmos vulnerável a nossa identidade, a nossa posse de nós próprios.” (2014, p. 31). Ora, a obra aqui abordada adota uma perspetiva pessoal, sendo a opinião da criadora soberana e reveladora de uma visão do mundo a partir da escrita literária que observa e que tem como intuito preservar a dar continuidade a um mundo aparentemente extinto. A saber, a linha do Douro e a azáfama das estações.

Desengane-se quem pensa estarmos perante uma escrita conservadora ou suspensa ou até parada no tempo. A salvação do que vincula a partir deste texto literário revela a identidade e a cultura de um povo, na particular espécie portuguesa, ao mesmo tempo que reflete sobre o mais universal dos anseios humanos.

Como salvação do que vincula, a literatura pode contribuir para a construção de um tempo em que aquilo que aparentemente não serve para nada deve ser visto como forma de combate contra o esquecimento da história, da hipocrisia, da injustiça e do mal, recordando os valores que devem continuar a reger as sociedades livres, abertas, e democráticas e cosmopolitas.

Pese embora à primeira vista a contradição dos excertos seguintes, de Antoine Compagnon e de Italo Calvino, eles demonstram, de resto, complementaridade e a possibilidade do paradoxo como campo fértil da literatura. Segundo Compagnon, “o poeta e o romancista dão-nos a conhecer o que estava em nós, mas que ignorávamos por nos faltarem as palavras” (2010, p. 35). Calvino, por seu turno, afirma que “o clássico não tem necessariamente de nos ensinar alguma coisa que não sabíamos, às vezes descobrimos algo que tínhamos desde sempre sabido (ou julgado saber) mas não sabíamos que ele já o tinha dito antes” (2015, p. 8).

Importa reter do que ficou anteriormente plasmado que a literatura ensina a ver, dota-nos de uma outra interioridade, de uma maior predisposição para o olhar devagar. A leitura e a literatura não são imprescindíveis para se viver, é certo, mas a vida torna-se mais livre “mais clara, mais vasta para aqueles que lêem do que para aqueles que não lêem” (Compagnon, 2010, p. 27).

Viver num mundo sem a perspetiva das humanidades e da literatura tem-se revelado um desafio hercúleo e distópico, onde a pós-verdade e as notícias falsas, através das redes sociais e do campo digital, cavalgam e iludem milhares de pessoas em todo o mundo. As universidades e os cursos de humanidades e de literatura devem ter um papel preponderante e contribuir para a construção de um novo tempo: o da consciência e da sensibilidade como forças transformadoras. Um tempo que não seja de informação, mas de Conhecimento.

Num tempo desmemoriado e digital, o neurocientista italiano Lamberto Maffei conta que os chineses criaram um termo para as pessoas que estão sempre de dedo e olhar espetado nos ecrãs – “a tribo das pessoas de cabeça baixa: di tóu zú” (2019, p. 23).

António Cândido, no famoso texto “O direito à literatura”, escreve que “a nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização” (2004, p. 170). De facto, é irónico pensar que nunca houve tamanha revolução digital e tecnológica, nunca se venderam tantos livros como hoje, nunca antes a nossa espécie teve tamanho acesso à informação e, ao mesmo tempo, nunca fomos tão desmemoriados e desinteressados pelas Humanidades e pela literatura.

A literatura, para além de salvação do que vincula, é também superação do caos, tentativa de construção de um sentido ou pelo menos forma de posicionamento crítico, que deve criar pensamento: outra forma de ver.

A literatura permite a continuação de um tempo aparentemente extinto, mas que encontra lugar na escrita incansável de Agustina Bessa-Luís.

Entremos nas carruagens dos comboios do Douro para vermos a humanidade que por lá viaja:

Ia-se ao Porto no comboio; toda a gente, ricos e pobres viajavam assim, as recoveiras, os lavradores, as criadas que iam servir na cidade, as meninas que iam a banhos à Foz ou estudar, ou simplesmente visitar os parentes e procurar um noivo (p. 21).

Depois de uma descrição geral, Agustina entra nos vagões onde viajam classes sociais diferentes, mergulhando nos detalhes mais incríveis e reais:

As carruagens de primeira classe: os estofos cor de mel, as redes grossas onde às vezes se acomodavam os meninos já grandotes, para não pagar bilhete, tinham um tom elegante e ligeiramente dramático. Como se tivessem ainda o perfume de mulheres bonitas e galãs de chapéu de palhinha. Ninguém levava farnel nas carruagens de primeira classe. Às vezes, alguém comprava água fresca na Ermida ou uma regueifa em Valongo. Mas era tudo muito discreto, muito digno, não se tirava o chapéu nem as luvas nem se abanava o rosto com um papel pregueado. Havia quem lesse um livro durante todo o tempo, as *Décadas* de João de Barros, não se podia imaginar maior presunção. Levantavam os olhos de vez em quando para gozar a impressão que faziam. No Natal era uma invasão de passageiros, sentavam-se no corredor em cima das malas, puxavam com os dentes as luvas para poder procurar o bilhete no bolso de dentro. Os rapazes tinham para as mulheres um olhar terno em que o desejo se fazia um carinho fácil, meio sonhado. (...) De noite, se era Natal, os últimos, os retardatários, subiam para o tejadilho. Eram soldados e pequenos aprendizes de ourives, de tanoagem, e sacudiam do cabelo as fagulhas estreladas que se apagavam no céu límpido. (...) Nas carruagens de segunda classe era tudo mais falado. Faziam-se amizades, trocavam-se merendas, conselhos, as mães diziam coisas dos filhos e como os criavam. Lia-se o jornal, *O Comércio do Porto*, ia-se à janela, que se abria com fragor para ver como era desprender a correia que a segurava. As mulheres protestavam, muito remexidas nos assentos, e os filhos olhavam como se fossem espectadores duma briga prestes a acontecer. Uma vareja entrava pela janela anunciando o Verão pastoso dum calor que escrespava as folhas. A alma sensata viajava em segunda classe, era opinosa e moderada; escandalizava-se facilmente, tinha pena das mulheres perdidas e culpava os ricos do luxo e dos maus exemplos. Calavam-se de repente quando passava uma desconhecida de saltos altos que procurava o lugar com o bilhete na mão. Enquanto na terceira classe era a festa, diziam-se larachas, derramava-se vinho, ouvia-se o piar dos frangos nas cestas de vime vermelho. Eram os presentes para os padrinhos, para os protectores que livraram da tropa os filhos. Nos açafates forrados com uma

toalha de linho, estava o requeijão e as primeiras cerejas em rocas de pau verde. As criadinhas que saíam de casa para servir na cidade sorriam debilmente, apertadas num colete artesanal, ainda de ilhós, muito à antiga. Tinham olhos de quem chorou à despedida, mas o comboio dissipava-lhes a tristeza como se fosse um berço em que as promessas escurecem as recordações (pp. 21-23).

Como sempre, Agustina extrapola, e a escrita e o olhar que observa redirecionam-se para as pessoas que aguardam nas estações os parentes que chegam de longe. O olhar à Balzac, fino, guloso e agudo, concentra-se naqueles que viajam de comboio, naqueles que aguardam, naqueles que partem e naqueles outros que ficam. É a viagem e o comboio quem, de resto, ocupam o espaço primacial de um livro que se lê como a descoberta de um país que está ali desde sempre, mas que só se tornou possível ler e encontrar depois de Agustina escrever sobre ele. Um país que existe muito.

O comboio ocupa um lugar de destaque, naturalmente, e as reflexões de Agustina remetem de imediato para o universo da literatura, parecendo que encontramos nos vagões de primeira classe não só a universal Ana Karenina, mas também a não menos conhecida Maria Eduarda da Maia, despedindo-se, sufocada num grito silencioso, de Portugal e de Carlos Eduardo. Mas se na primeira classe deixamos as elegantes, na segunda e na terceira encontramos as pessoas que povoam os romances de Agustina, de Camilo, de Aquilino e de Mário Cláudio. São famílias que trazem consigo os merendeiros, uma concertina e os ferrinhos. Mulheres que trocam segredos e recomendações. Jovens casadoiras e aprendizas de bordadeira. Estudantes, larápios e militares. E no comboio vai uma humanidade inteira, que vinha do interior de Entre Douro e Minho até ao Porto.

E se começámos a nossa viagem no Pinhão, a estação terminal é já no Porto, com a chegada do comboio a São Bento, sem esquecer as vindimas:

A gare de São Bento causa uma impressão grandiosa como nenhuma outra em Portugal. O movimento da multidão, os que se apressam e os que correm, os rostos ansiosos e outros tocados de mil expressões, de cautela, de expectativa e de susto, mostram uma variedade infinita de paixões que às vezes não atingem sequer a mudança de expressão. Há quem tenha ar de fugitivo. De abandonado, de predador, de pacato transeunte entre duas vias. Os azulejos são magníficos, assinados por Jorge Colaço, dum azul de Delft verdadeiramente luminoso e profundo. Os azulejos contam toda uma poesia que não é épica, é o viver de todos os dias, é um sermão sem sotaina, é um contrato social sem filosofia. Vínhamos do Pinhão onde os barcos arriaram as velas e embarcam as pipas rolando-as sobre pranchões que vergam ao seu peso. Essa irmandade da vindima não tem nada de semelhante agora. Era um esforço terrível, ninguém parava enquanto o feitor não desse ordem. Havia quem preferisse as quintas pequenas,

porque se comia melhor e havia ensopado de borrego ao domingo, ou no fim da colheita. Acabava-se o trabalho pesado, ficavam alguns homens nos armazéns e ouvia-se o chiar da prensa esmagando o bagoço. (...) O comboio, chegado a São Bento, parecia deixar os pulmões na linha; um fumo branco como espuma inundava o cais; das portinholas saía de roldão uma gente apressada e que, de repente, rompia os laços de viajante e mergulhava na cidade com as suas malas e os embrulhos, pronta a começar o dia urbano, a apanhar o táxi, a reconhecer a família que lhe estende os braços (pp. 23-25).

De acordo com Maffei,

Outrora, para vermos obras de arte tínhamos de viajar, e isso tinha um sentido de peregrinação (...). O processo de dessacralização da obra de arte prossegue no nosso tempo com o advento do mercado da arte: a aura da obra de arte depende, agora, do seu valor económico (p. 114).

Ora, o que as obra de Agustina revela é essa viagem que exige dois movimentos. O sair do lugar onde nos encontramos, mas mais importante ainda, o sairmos de nós próprios. Através da literatura, esse duplo movimento torna-se mais imersivo e real, dotando o leitor, o aluno, o professor e o crítico de mais utensílios para a compreensão do mundo. Como a física quântica ou a mecânica dos fluidos, a literatura é uma forma de compreender o mundo.

Numa época digital, em que o lucro e a materialidade de tudo é o que interessa, a literatura tem ainda um trunfo que é aparentemente quantificado e quantificável: as palavras. Se, como vimos na epígrafe, “quem tem mais palavras vê mais”, a literatura é, sem dúvida, a mais poderosa forma de visão. Em *As Estações da Vida* é o olhar devagar, com atenção e lentidão, que combate o frémido contemporâneo do homem *videns* ou *televicens* ou ainda o *homo consumens*.” (Maffei, 2020, p. 98)

Num ensaio intitulado *Não coisas. Transformações no Mundo em que vivemos*, publicado em Portugal em 2022, Byung-Chul Han afirma que a digitalização “desreifica e descorporiza o mundo” (p. 10). Se é certo que tal afirmação pode ser chocante para as materialidades da literatura, a verdade é que a salvação do que vincula nasce daquilo que é profundamente humano. Só é humano aquilo que é mortal. Só é profundamente literário o que é verdadeiramente humano.

A literatura será sempre inovadora. Um livro será sempre um livro. Afirmar a eterna novidade do livro material pode soar a conservadorismo ou reacionarismo ou a crítica à literatura digital, mas a verdade é que a *mão que escreve*, entenda-se a metáfora, será sempre diferente do dedo que escolhe. Se é certo que é útil, prático e cómodo, o livro enquanto objeto fala-nos da nossa relação com os outros e com o mundo. Prende-se com a esfera das coisas. O mundo digital, por sua vez, pertence às não-coisas.

Byung-Chul Han recorre a uma imagem interessante:

A mão é o órgão do trabalho e da atividade. O dedo, pelo contrário, é o órgão da escolha. O homem do futuro, desprovido de mãos, servir-se-á apenas dos dedos. *Escolherá*, em vez de *atuar*. Para satisfazer as suas necessidades, pressionará teclas. A sua vida não será um drama que o force a atuar, mas um jogo. Ele também não quererá possuir nada, mas experimentar e desfrutar. O homem desprovido de mãos no futuro estará próximo desse *Phono sapiens*, que digita no seu *smartphone*. O *smartphone* é o seu campo de jogos. É sedutora a ideia de que o ser humano do futuro não só joga e desfruta, mas que não tem preocupações (...) Atuar é o verbo da história. O ser humano do futuro, jogador, desprovido de mãos, representa o fim da história (pp. 19-20).

Talvez não seja por acaso que “no preciso momento em que a barbárie predomina, a fúria do fanatismo vira-se não-só contra os seres humanos, mas também contra as bibliotecas e as obras de arte, contra os monumentos e as grandes obras-primas. (Ordine, 2016, p. 20.) A literatura e o ensino das humanidades servem, pois, para combater a sociedade das informações falsas e da voracidade efémera.

Por isso, os azulejos encontram os limites, o olhar do escritor vislumbra o começo de uma narrativa, como se Agustina escutasse o silêncio habitado por palavras e juntasse, desta forma, à cor e à pincelada, a carne da literatura e outra forma de criar uma mística diversa: a da salvação do que vincula.

Steiner escreveu em *Presenças Reais* que “toda a arte, música ou literatura é um acto crítico. (...) Diz-nos que as coisas podem ser (foram ou serão) de outra maneira.” (1993, p. 22) A literatura e as humanidades constroem o mundo, ao mesmo tempo que o desconstroem e reperspetivam. Sem dogmatismos ideológicos, as Humanidades são o líquido amniótico das sociedades livres e democráticas. Com a constante crise das Humanidades e da Literatura, assistimos ao (re)surgir das intolerâncias e dos fanatismos dentro do mundo da língua portuguesa.

A cultura e a literatura são feitas não para restringir, mas para a liberdade e para a abertura ao outro. Nuccio Ordine escreveu que “a única possibilidade de conquistar e defender a nossa dignidade de homens é-nos dada precisamente pela cultura e por uma educação livre.” (2016, p. 26)

Quem se atreve a folhear *As Estações da Vida* encontrará um mundo inteiro, vivo e garrido, a partir da escrita prodigiosa de Agustina:

O grande tempo do Douro desapareceu. Como grande tempo de qualquer lugar, até de Nova Iorque com a sua burguesia tradicional que vinha a Paris comprar os vestidos para o desfile da Primavera na Avenida não sei quantos. O comboio esteve sempre na minha gente do Douro como um destino, um modo de vida e um pretexto de aventura” (19).

Não apregoando dogmas ou verdades absolutas, as humanidades e a literatura proporcionam uma nova interioridade: ensinam-nos a ser pessoas.

VIERA, J. Journey to the salvation of what binds: a reading of *As estações da vida*, by Agustina Bessa-Luís. **Itinerários**, Araraquara, n. 57, p. 111-122, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *Agustina Bessa-Luís is the most prolific female writer in all of Portuguese literature. The centenary of the author of A Sibila is a celebration of the work and thoughts of a contemporary. The following communication proposal aims to analyze As Estações da Vida, published in 2002, and reflect on the importance of the hustle and bustle of train stations on the Douro line as a form of memory and imagination of a time and a region. The tiles of the Pinhão station or the São Bento station are the pretext for unraveling a literary and human thread, which is born from the scrutinization of those small blue and white squares, which tell stories of the harvest and the hustle and bustle of everyday life in the North. and the Douro: “the tiles tell a whole poetry that is not epic, it is everyday life, it is a sermon without a cassock, it is a contract without philosophy” (24). We find in As Estações da Vida an entire world, alive and bright, based on Agustina’s prodigious writing, which reveals the local and the universal in a unique, synesthetic and impressionistic way. As Estações da Vida therefore guard and contain the salvation of what binds.*

■ **KEYWORDS:** *Agustina Bessa-Luís. Memory. Imaginary. Literature. Character.*

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. **Porquê ler os Clássicos?** Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: D. Quixote, 2015.

CÂNDIDO, António. “O Direito à Literatura”. In: **Escritos Vários**. 4ª edição, reorganizada pelo autor. Duas Cidades. Ouro sobre Azul: São Paulo e Rio de Janeiro, 2004.

COMPAGNON, Antoine. **Para que serve a Literatura?** Tradução de José Domingues de Almeida. Porto: Deriva Editores, 2010.

DUMAS, Catherine. **Estética e Personagens nos romances de Agustina Bessa-Luís**. Porto: Campo das Letras, 2002.

HAN, Byung-Chul. **Não-Coisas. Transformações no Mundo em que Vivemos**. Tradução de Ana Falcão Bastos. Lisboa: Relógio D’Água, 2023.

LUÍS, Agustina Bessa-. **As Estações da Vida**. Lisboa: Relógio D’Água, 2018.

LUÍS, Agustina Bessa-. **O Livro de Agustina**. 3ª edição. Lisboa: Guerra e Paz, 2014.

MAFFEI, Lamberto. **Elogio da Lentidão**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2020.

MAFFEI, Lamberto. **Elogio da Palavra**. Tradução de José Serra. Lisboa: Edições 70, 2019.

OKAKURA, Kakuzo **O Livro do Chá**. Tradução de Fernando Mira Barros. Lisboa: Cotovia, 2009.

ORDINE, Nuccio. **A Utilidade do Inútil. Manifesto**. Tradução de Margarida Periquito. Lisboa: Faktoria de Livros, 2016.

STEINER, George. **Linguagem e Silêncio. Ensaio sobre a Literatura, a Linguagem e o Inumano**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Gradiva, 2014.

STEINER, George. **Presenças Reais**. Tradução e Posfácio de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

